

Apresentação do dossiê *Institutos religiosos femininos: serviço, espiritualidade e mística*

CÁTIA TUNA* | MARIA FILOMENA ANDRADE ** | RITA MENDONÇA LEITE***



* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal
 <https://orcid.org/0000-0001-8576-7697>
catiatuna@ucp.pt

** Universidade Aberta, Portugal
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal
Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais (IEM), Portugal
 <http://orcid.org/0000-0001-7771-8844>
lumena324@hotmail.com

*** Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal
 <https://orcid.org/0000-0003-2344-0554>
ritamendoncaleite@ucp.pt

O cristianismo nos séculos XIX e XX é ocasião para o surgimento de diversas congregações religiosas femininas. Este dinamismo representa, inicialmente, uma reconfiguração do monacato próprio das Ordens religiosas que ainda transportava uma lógica da Cristandade; conhecerá o seu ocaso no século XIX, com os ventos liberais e a secularização e laicização que neles se afirmam. O II Concílio do Vaticano vem propor, em alguns casos, o regresso às fontes e, simultaneamente, confirmará a assunção de novas formas comunitárias que são, preponderantemente, laicais.

Esta multiplicação do que hoje se designam por «institutos religiosos femininos» foi causa e efeito de uma explosão da mística feminina e garantiu o posicionamento das mulheres religiosas nos espaços de contacto interventivo, em contextos de sofrimento, desde a doença, à orfandade, à exploração operária. A tradição monástica, a par da espiritualidade mariana, é talvez uma das principais plataformas comuns entre o cristianismo católico e o ortodoxo, bem assim de diferenciação com o cristianismo protestante que, em países como Portugal, se afirmou no século XIX, em pleno contexto anticongreganista. Significa, deste modo, uma instância interessante de análise como diferencial na perceção das identidades e papéis das mulheres cristãs entre as várias tradições do cristianismo.

A espiritualidade feminina cristã adquire novos contornos que são, em grande medida, desdobramentos de discursividades doutrinárias mas que lhe concedem um espaço de criatividade mística e de concretização em serviço eclesial ou público. Sendo possível desenhar um mapa dos grandes eixos da espiritualidade das mulheres consagradas na época contemporânea, tornam-se evidentes, para o campo católico, a relevância da eucaristia, de Maria, do Sagrado Coração de Jesus, a ancoragem a grandes tradições monacais, designadamente os dominicanos e os franciscanos, ou ainda, com menor preponderância, a Sagrada Família, a caridade ou a Divina Providência e, para o campo protestante, as áreas da educação, da juventude, da assistência e da circulação da Bíblia.

As relações de género são um observatório relevante da fundação de uma congregação ou obra laical: sendo comunidades constituídas por mulheres e para mulheres não estão escusadas de uma interlocução masculina que se concretiza num jogo de autoridades. Essa mediação faz-se com o fundador, o co-fundador, com os prelados da própria Santa Sé ou com o pastor que legitimam aquelas dinâmicas. A vigilância masculina dá-se ainda pelas figuras do confessor, do diretor espiritual ou do ancião.

Aspeto importante na compreensão desta dinâmica é a sua escala internacional. Sendo verdade que os países onde esta diversificação e multiplicação foi mais evidente são europeus e latinos (França, Espanha e Itália), existiram congregações fundadas nos séculos XIX e XX, em países de outros territórios europeus (como a Bélgica, a Irlanda e a Polónia), ou de outros continentes distantes da órbita de Roma: como o Canadá, o Brasil, o Japão, a Venezuela, a Tanzânia, a Síria ou a Índia, abarcando, nestes dois últimos casos, congregações de ritos bizantino e siro-malaabar, respetivamente.

Esta transnacionalidade é também motivada pelo exílio forçado das congregações, fundadas nos países europeus, por causa das expulsões ocorridas por regimes liberais ou republicanos. A diáspora das religiosas será um fator de dinamização de diversos cristianismos periféricos situados, muitas vezes, em espaços coloniais ou ex-coloniais. A sua presença nesses territórios propôs novos programas assistenciais e educacionais e, por diversas vias, suscitou um encontro entre diferentes paradigmas de feminilidade. O seu protagonismo denotou-se na gestão de instituições como asilos, hospitais e colégios, favoreceu em parte o surgimento de novas congregações locais, mas também motivou leis que determinavam a sua expulsão por serem perspetivadas como uma espécie de cavalo de Tróia de uma autoridade estrangeira (como no México).

Quanto a esta dimensão geográfica, o dossier temático comporta objetos de estudo situados em Portugal e no Brasil cruzando de forma indireta e pontual, espaços como a Irlanda e a África lusófona. No que concerne ao âmbito temporal,

são trabalhados casos que se inscrevem na modernidade e na pós-modernidade, situando-se entre o século XVII e o século XX. Alguns dos artigos focam o papel destas congregações no campo da educação; outros dão destaque ao seu percurso histórico, desde a fundação à expansão; outros são especialmente sensíveis à questão das mudanças impostas ou desejadas internamente.

A experiência religiosa feminina de uma comunidade que segue a forma de vida dominicana é a matriz da Congregação das monjas irlandesas que, a partir de 1639, se instalam em Belém. A comunidade do Bom Sucesso, assim se denomina, vai permanecer em Lisboa, até 2016 (ano de regresso à casa mãe na Irlanda), atravessando todo o período liberal e republicano, em que permanecem, com a promessa de abrirem uma escola. A história da comunidade que nele habitou será descrita por Sofia Rodrigues, que nos apresenta, de forma detalhada e, com base em fontes conhecidas, os inícios e o processo fundacional do mosteiro, bem como a vocação espiritual dominicana, para depois nos mostrar o edificado e a forma como a arquitetura e a liturgia se cruzam, ao serviço da funcionalidade de um mosteiro de monjas dominicanas.

Atentando às raízes da supressão das Ordens e Congregações religiosas em Portugal nos inícios no século XIX, Maria Luísa Jacquinet detém-se sobre a criação, em 1789, da «Junta do Exame do Estado Atual e Melhoramento Temporal das Ordens Religiosas» e sobre a reforma que o mesmo órgão procurou levar a cabo no seio da vida religiosa em Portugal, no trânsito para a Contemporaneidade. A autora acompanha o modo como, ao longo das suas quatro décadas de existência, e sintonizada com objetivos de natureza regalista e racionalista, a Junta tentou levar a cabo aquele desiderato de «melhoramento». Contando com obstáculos, interrupções e críticas variadas e não conseguindo garantir graus de eficácia e sucesso substanciais, a análise do percurso da Junta, profusamente documentado, dá bem conta do potencial de conflito que, na sociedade portuguesa, representava a «questão dos Regulares» e, mais especificamente, da «utilidade» das Ordens religiosas femininas.

Quer o artigo de Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves, quer o artigo de Caroline Jacques Cubas – ambos referentes ao período histórico das décadas de 1960 a 1980 – abordam objetos de estudos que são investigados, mais ou menos comumente, no Brasil, mas que ainda escasseiam na historiografia religiosa portuguesa. De facto, em Portugal os poucos estudos existentes sobre congregações religiosas femininas do século XX – e congregações de vida activa – são ainda sobretudo dedicados a aspetos fundacionais ou institucionais. A ação das religiosas nos ambientes mais vulneráveis ou em contextos sociais mais insuspeitos, focando a modernidade que esse paradigma de intervenção transpira, em contraposição com os moldes tradicionais de comportamento dos membros de congregações

religiosas femininas, é um âmbito que, com uma certa inovação, estes dois estudos descortinam.

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves apresentam um estudo que se enquadra no contexto do crescimento de explorações carboníferas na região de Santa Catarina e no papel social que as congregações religiosas femininas aí tiveram. Para tal, fixaram-se na ação de uma dessas congregações com os filhos dos mineiros residentes numa vila operária, entre os anos 1950 a 1980. Basearam-se em cinco entrevistas realizadas e numa fonte documental e visual muito peculiar: um álbum que é, simultaneamente, um relatório que as irmãs realizaram, constituído por relatos e por fotografias. É um artigo bastante pictórico e descritivo no que respeita à natureza concreta das várias iniciativas que as religiosas ali desenvolveram e da realidade quotidiana destas populações.

Caroline Jacques Cubas baseou-se em jornais e revistas publicados, entre 1960 e 1968, analisando notícias, reportagens e editoriais, que reportavam jornalisticamente as alterações do hábito religioso e, sobretudo, a possibilidade de profissionalização das mulheres religiosas. Desta forma, o seu artigo focou-se no impacto que teve na opinião pública brasileira o ímpeto de renovação da vida religiosa feminina que o Concílio Vaticano II promoveu. Aborda, com efeito, tópicos como a novidade da autonomização do espaço de residência comunitária do espaço laboral e ainda as resistências internas que surgiram nas próprias congregações e na Igreja Católica, aos ventos modernizantes que essa dinâmica de inserção e profissionalização comportavam.

O artigo de Maria José Diegues de Oliveira, sobre a Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado (SFRJS) apresenta, de forma minuciosa, a história desta congregação (com especial relevo para as constituições e regulamentos), desde a sua fundação na aldeia de Pereira (concelho de Mirandela) da diocese de Bragança-Miranda, nos inícios do século XX até aos dias de hoje, como Instituto de Direito Pontifício já implantado em Angola, Moçambique e Brasil. Começando com um pequeno núcleo de cinco fundadores apoiados pelo clero local, a congregação tem uma espiritualidade que assenta na reparação eucarística, e que vai buscar o seu carisma ao franciscanismo e à piedade mariana. As obras de caridade que patrocina e dinamiza situam-se na área da educação de crianças e jovens e de lares de 3ª idade. No campo espiritual é responsável pela dinamização de um movimento eucarístico de leigos e pela ação pastoral em diversas paróquias. A intensa atividade desta congregação é, à semelhança de outras, em Portugal, o exemplo da dimensão social de um movimento de cariz religioso inserido nas comunidades que serve.